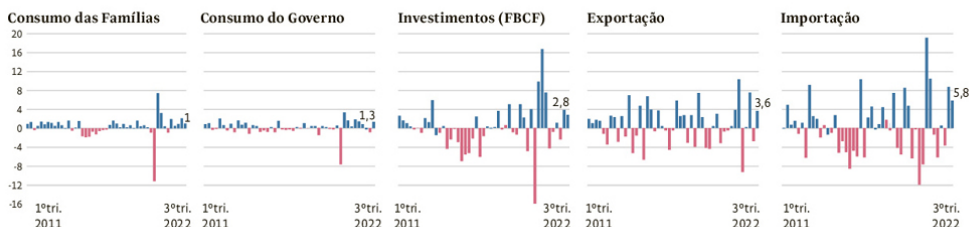


PIB cresce 0,4% no 3º trimestre, mas perde ritmo

Comportamento do consumo e do investimento no 3º trimestre de 2022

Varição em relação ao trimestre anterior, em %



Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

Economia cresce 0,4% no 3º trimestre, mas perde fôlego sob efeito dos juros

Mesmo com desaceleração, PIB alcança patamar recorde da série histórica, iniciada em 1996

Leonardo Viecelli e Eduardo Cuculo

RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO O PIB (Produto Interno Bruto) do Brasil avançou 0,4% no terceiro trimestre deste ano, na comparação com os três meses imediatamente anteriores, informou nesta quinta (1º) o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

O resultado é o quinto positivo em sequência, mas representa uma perda de ritmo da atividade econômica em um cenário de juros altos e desaceleração global.

Na visão de analistas, o fôlego menor deve continuar no quarto trimestre. Assim, o PIB tende a ficar mais próximo da estagnação (0%) ou até negativo nos três últimos meses do ano.

A variação de 0,4% veio abaixo das expectativas. Analistas consultados pela agência Bloomberg projetavam avanço de 0,6% na mediana.

Em relação ao terceiro trimestre de 2021, o PIB cresceu 3,6%. A projeção de analistas, segundo a Bloomberg, era de uma alta mais intensa, de 3,8%. No acumulado dos últimos quatro trimestres, a economia teve avanço de 3%.

Mesmo com o desempenho aquém do esperado, o PIB alcançou o maior patamar da série, iniciada em 1996.

Após revisão de dados, o IBGE concluiu que o indicador já registrara, no segundo trimestre de 2022, um nível superior ao do início de 2014, antes de a economia perder força e embarcar em recessão.

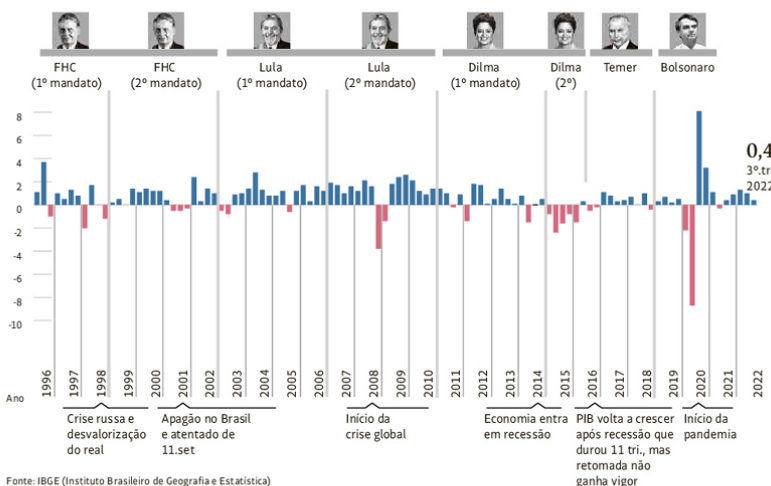
Agora, com a alta de julho a setembro, a atividade econômica renovou a máxima. O PIB também ficou 4,5% acima do patamar pré-pandemia, do quarto trimestre de 2019.

O avanço de 0,4% veio após crescimento de 1% no segundo trimestre, conforme dados revisados pelo IBGE. Inicialmente, a alta de abril a junho havia sido calculada em 1,2%, mas foi ajustada para baixo.

"O tom é de uma desacelera-

PIB no 3º trimestre de 2022

Varição do PIB em relação ao trimestre anterior, em %



Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

ção da atividade econômica com o efeito da política monetária [alta dos juros]", diz o economista Luca Mercadante, da Rio Bravo Investimentos, que prevê PIB estagnado (0%) no quarto trimestre.

O IBGE também revisou o indicador no terceiro e no quarto trimestres de 2021 e no primeiro trimestre de 2022.

Com os ajustes, as variações aumentaram de 0,1%, 0,8% e 1,1% para 0,4%, 0,9% e 1,3%, respectivamente.

O IBGE ainda revisou a taxa de crescimento do PIB de 2021 (anual), de 4,6% para 5%.

A revisão para cima dos números levou a pequenos ajustes nas projeções de alguns economistas. Isso porque a economia está agora em um patamar mais elevado do que o divulgado há três meses.

Se o PIB ficar estável nos últimos três meses do ano, co-

mo projetam analistas, um crescimento de 3,1% na média de 2022 já estaria garantido.

Às vésperas das eleições de outubro, o governo Jair Bolsonaro (PL) lançou um pacote de estímulos à economia que incluiu a ampliação do Auxílio Brasil e os cortes tributários sobre combustíveis, energia elétrica e telecomunicações.

A atividade ainda foi beneficiada pela reabertura após as restrições na pandemia, mas esse incentivo tende a se esgotar com o passar dos meses, ponderam analistas.

A vacinação contra a Covid-19 permitiu a volta de parte dos setores de serviços, como bares, restaurantes, hotéis, academias de ginástica, salões de beleza e instituições de ensino.

Avanço de 0,4% do PIB no terceiro trimestre foi influenciado justamente pelos serviços, que subiram 1,1%. O setor

responde por 70% da economia sob a ótica da oferta.

A indústria também ficou no azul (0,8%). A agropecuária, por outro lado, recuou 0,9%.

"A retração é explicada pelas culturas que têm safra relevante nesse trimestre e tiveram queda de produção, como é o caso da cana-de-açúcar e da mandioca", disse a coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palls.

Com a inflação alta, o Banco Central teve de elevar os juros. O aperto monetário impacta a atividade econômica, pois encarece o consumo de bens e serviços mais dependentes da concessão de crédito.

No terceiro trimestre, o consumo das famílias cresceu 1%. Essa foi a quinta taxa positiva em sequência, mas ficou abaixo do resultado do segundo trimestre (2,1%). O consumo responde por cerca de 60% do

PIB sob a ótica da demanda.

"O mercado de crédito está mais caro. Acaba batendo nos bens e serviços que dependem mais de crédito", afirma o economista Christian Medina, do banco BV.

Ele destaca que, além dos juros altos, a economia vem de uma base de comparação mais forte do começo do ano. Também há riscos no cenário externo, com a perspectiva de desaceleração global, acrescenta.

O IBGE também informou que os investimentos produtivos, medidos pelo indicador de FBCF (Formação Bruta de Capital Fixo), subiram 2,8% no terceiro trimestre ante os três meses anteriores.

Essa foi a segunda alta consecutiva, mas ficou abaixo do avanço de 3,8% no segundo trimestre. Conforme Palls, aportes na área de construção, em softwares e nas importações estão por trás do novo avanço dos investimentos.

O consumo do governo, por sua vez, aumentou 1,3% no terceiro trimestre, após queda de 0,9% nos três meses anteriores.

O PIB sob a ótica da demanda contempla ainda o setor externo. De julho a setembro, as exportações tiveram alta de 3,6%, após redução de 2,8%.

As importações cresceram mais: 5,8%. Foi o segundo avanço consecutivo — a alta fora de 8,7% no segundo trimestre.

O banco BV projeta PIB estagnado no quarto trimestre (0%) e alta de 3% no acumulado deste ano. Para 2023, a perspectiva, por ora, é de uma elevação de 1%.

"As principais economias globais, como EUA, Europa e China, estão desacelerando fortemente. Quando o mundo tem baixo crescimento, dificilmente o Brasil segue um caminho diferente. O preço das commodities também começou a cair", afirma o economista Claudia Moreno, do C6 Bank. Ela prevê o PIB "andando de lado" ou até negativo no quarto trimestre.

Para os economistas Marco Caruso e Eduardo Vilarim, do banco Original, a alta de 0,4% no terceiro trimestre contribuiu para um resultado de 2,9% em 2022. A instituição projeta uma contração de 0,3% para o quarto trimestre.

"Entretanto, esse número tem caminhado para zero, à medida que os novos indicadores de outubro têm se mostrado mais robustos do que o esperado, como o recuo da taxa de desemprego (8,3% ante 8,5% projetados) e avanço da população ocupada", dizem os economistas do Original.

Segundo eles, o crescimento em 2023 deve desacelerar para 0,2%, devido a fatores como o impacto mais forte dos juros. Para o economista Lucas Maynard, do banco Santander, os efeitos da política monetária mais apertada "começam a aparecer".

De acordo com ele, os indicadores disponíveis para o quarto trimestre "apontam uma contínua perda de fôlego das atividades". Por ora, o Santander projeta expansão de 2,8% em 2022 e de 0,7% em 2023.

“O tom é de uma desaceleração da atividade econômica com o efeito da política monetária [alta dos juros]”

Luca Mercadante economista da Rio Bravo Investimentos, que prevê PIB estagnado (0%) no quarto trimestre

